



## **Análise da Contribuição das Aulas de Campo na Formação Geográfica dos Estudantes do Ensino Fundamental**

*Tiago de Figueiredo<sup>1</sup>; Maricélia Félix Andrade Bringel<sup>2</sup>*

**Resumo:** A presente pesquisa procurou entender como as aulas de campo poderiam incentivar o estudo e compreensão dos conteúdos geográficos, analisando os benefícios, visto como a teoria e a prática se uniriam no processo de ensino-aprendizagem, além de perceber a atuação da interdisciplinaridade na pesquisa de campo em decorrência das diversas facetas que o espaço apresenta e da ineficiência da atuação unilateral de uma única disciplina perante a complexidade do mundo, e por fim, descrever as características principais que compõem esta atividade, com o intuito de se ter uma melhor noção das etapas pertinentes a sua realização. Para tanto, utilizou-se um estudo bibliográfico de caráter qualitativo com os descritores: geografia *and* ensino *and* aulas de campo, nos sites Scielo, Periódico Capes e Google Acadêmico, em que se verificou uma adesão expressiva da aprovação do uso desta metodologia, em decorrência dos proveitos percebidos, ademais, foram relatadas as dificuldades de sua realização como a falta de preparo por parte dos professores, que não são ensinados de forma decente a como realizar a sua aplicação e para mais, o uso das aulas de campo como um meio efetivo de iniciação científica, no tocante ao fato de apresentar um método de estudo que estimule os alunos a pesquisarem os fenômenos que os circundam, através de uma análise que pode ser local, o lugar de pertencimento, afetividade do aluno ou um espaço não familiar, mas que se bem trabalhado pode gerar um engajamento que por objetivo principal tem a capacitação do indivíduo de perceber e resolver questões pessoais e coletivas.

**Palavras-chave:** Geografia. Ensino. Aulas de campo.

## **Analysis of the Contribution of Field Classes in the Geographical Training of Elementary School Students**

**Abstract:** This research sought to understand how field classes could encourage the study and understanding of geographic content, analyzing the benefits, seeing how theory and practice would come together in the teaching-learning process, in addition to realizing the role of interdisciplinarity in field research due to the different facets that the space presents and the inefficiency of the unilateral action of a single discipline in the face of the complexity of the world, and finally, to describe the main characteristics that make up this activity, with the aim of having a better idea of the steps relevant to its implementation. To this end, a bibliographical study of a qualitative nature was used with the descriptors: geography and teaching and field classes, on the websites Scielo, Periódico Capes and Google Scholar, in which there was a significant approval of the use of this methodology, as a result of the benefits perceived, in addition, difficulties in carrying it out were reported, such as the lack of preparation on the part of teachers, who are not taught in a decent way how to carry out its application and, moreover, the use of field classes as an effective means of scientific initiation, in terms of presenting a study method that encourages students to research the phenomena

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). tiago552figueiredo@gmail.com;

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). mariceliafelixandrade@gmail.com.

that surround them, through an analysis that can be local, the place of belonging, the student's affection or an unfamiliar space, but which, if well worked on, can generate engagement whose main objective is to enable the individual to perceive and resolve personal and collective issues.

**Keywords:** Geography. Teaching. Field classes.

## Introdução

A Geografia, tem como ponto basilar de sua validação científica, a compreensão dos movimentos e fenômenos da natureza e sua relação com a humanidade, entender como uma influência a outra, nisto, voltando-se ao ensino desta matéria no ensino fundamental, foram elaboradas diversas formas de ensino que poderiam facilitar o entendimento dos conteúdos pelos alunos, e dentre elas o estudo de campo, que era utilizado desde os primórdios da ciência. Como demonstra Bovo, Tows e Rogal (2018):

[...] a sistematização da ciência geográfica se deve ao conjunto de pesquisas e relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, verdadeiro manancial de informações que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia (Bovo; Tows; Rogal, 2018, p.4).

A aula de campo é uma estratégia educacional com uma grande capacidade de utilização na Geografia, ajudando os educandos a perceberem os elementos naturais no espaço estudado e a decifram as relações da natureza com eles próprios, sendo esta metodologia importante no mundo como se encontra hoje, em decorrência de seu caráter intrínseco na educação, como defende Cavalcanti (2008, p, 41):

Além de aspectos atinentes à economia global atual, características de outras esferas da vida cotidiana também compõem o contexto do mundo contemporâneo, como a urbanização, a informatização e a comunicação, o interculturalismo, o avanço e a crise científicos. (Cavalcanti 2008, p, 41).

Nesta visão de mundo encontrada pelos alunos da nova geração, é fundamental fazer o discente entender o que caracteriza o global e sua atuação nos aspectos locais, assim afetivos, dos estudantes. Deste modo, o presente artigo tem como proposta, incentivar e contribuir com o debate à cerca da utilização das aulas de campo no ensino de geografia, além de, na medida do possível, ajudar ou dar insights para aqueles que desejam planejar uma aula nessa metodologia.

Sendo o tema, a análise da contribuição das aulas de campo na formação geográfica dos estudantes do ensino fundamental, para isso, tendo como ponto de partida três tópicos, a saber: as vantagens da utilização da aula de campo, a interdisciplinaridade e as características de uma aula de campo.

### **Vantagens da Utilização da aula de Campo**

A aula de campo como recurso didático para o ensino de geografia se torna algo vantajoso do ponto de vista educacional, visto que, essa metodologia tem como proposta incentivar o discente a observar o meio que será estudado, e a partir disso formular e refletir sobre as demandas existentes no local, as conexões realizadas entre ela e o mundo, os fenômenos físicos e sociais recorrentes e entre outros fatores que podem ser percebidos.

Como afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998):

O estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares próximos e distantes são recursos didáticos úteis, por meio dos quais os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local, e agora também global, conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar em que vivem (Brasil, 1998, p.53).

A educação geográfica tem como foco fazer o discente compreender o meio em que vive e o mundo a sua volta, utilizando-se como ferramenta para isso, explicações de conceitos geográficos através da realidade do próprio aluno, pois, dessa maneira ocorrerá uma maior absorção dos conteúdos ensinados, além de valorizar os conhecimentos presentes no aluno, já que o local de estudo é o espaço de convívio direto, no qual, ele próprio sofre e se torna agente de mudanças.

Por vezes a escola não está diretamente conectada com a realidade enfrentada pelo seu alunado e prende os mesmos em um contínuo estado de inercia provenientes de aulas de cunho decorativo e entediante, mas que podem ser melhoradas com a aplicação de estudos de campo, uma vez que, o espaço é encarado como contendo potencialidades pedagógicas a serem usadas pelo geógrafo (Oliveira e Assis, 2009, p.154). Espaços não-formais se tornam uma das soluções possíveis para pôr o aluno em prática, visto a necessidade de estímulos ativados, motivação e cooperação exigidos de uma aula de campo com um bom planejamento. Além disso, Pavani (2013), contribui ao dizer que:

A elaboração da explicação do mundo natural, uma forma de fazer ciência a partir da elaboração de um conjunto de conhecimentos metodicamente adquirido, significa descrever a natureza em uma linguagem dita científica. Propiciar o entendimento ou a leitura dessa linguagem é fazer alfabetização científica (Pavani, 2013, p.43-44).

Para que o aluno possa cumprir com o seu papel de cidadão, possuidor de conhecimentos adquiridos e inferidos que possam ser aplicados de forma prática em seu cotidiano, é preciso antes de tudo ser introduzido no meio científico, que muitas vezes não pode ser plenamente alcançado, em decorrência das dificuldades inerentes a escola, como grandes quantidades de alunos, falta de recursos, pouca preparação de professores e como afirma Cascais e Fachín-Téran (2015, p.15), a escola não é mais capaz de realizar esse processo de educação científica sozinha em decorrência do grande número de informações produzidos atualmente. Algo que é corroborado por Callai, 2000:

Cada vez se torna mais claro que a escola não é o lugar da informação, mas da busca e da organização da informação no sentido da construção do conhecimento. [...] A grande questão, entretanto, é auxiliar o aluno a organizá-las no sentido de entendimento sobre como tais processos naturais e fenômenos atingem a vida das pessoas. (Callai, 2000, p. 101).

Nesse contexto, mesmo a escola não sendo mais a detentora exclusiva do conhecimento, ainda assim, carrega uma importância primordial na educação dos indivíduos, visto que é nessa instituição que os alunos terão pela primeira vez um contato sistemático de assuntos científicos, e pensando-se em especial a geografia, que pretende fazer ser entendido tudo o que está presente na face da terra, tornar possível o estudante compreender o seu espaço de vivência através de métodos pedagógicos para além da sala de aula, - voltando-se para o assunto principal do tópico – o estudo orientado do campo demonstrasse algo possível e palpável.

Assim, entender a categoria geográfica de lugar entendida como “resultado das relações sociais que os indivíduos estabelecem com o espaço, sejam essas relações de convívio, pertencimento ou utilização social e/ou econômica.” (Santos; Leite; Silva, 2017, p. 422). É um ponto norteador do ensino, pois o discente percebera que seu espaço carrega uma história, um sentimento de pertencimento e identidade que não foi produzido apenas naquele espaço geográfico, em decorrência de, em um mundo globalizado, o lugar não carrega mais apenas traços característicos daquele local, mais sim, um grande fluxo de características que vão desde o regional, nacional e global.

Infere-se assim que trabalhar de maneira apropriada os conteúdos curriculares, mesclando com aulas de campo, acarretará estudantes mais preparados para refletir os

fenômenos físicos e sociais presentes em sua vida, além de saber como relacioná-los com eventos que tem origem em lugares diversos, e como solucionar problemas que podem surgir a nível coletivo e/ou pessoal.

### **Interdisciplinaridade**

Ademais, a geografia, como ferramenta de explicação e elaboração de uma aula de campo como foi explicada, em certa medida, não é o suficiente para satisfazer a demanda de ensino exigida por essa metodologia, isso pois, ela possui um caráter multidisciplinar, que uma única disciplina parcelar não é capaz de oferecer. Isso não desmerece a ciência geográfica, já que ela mesma possui um caráter interdisciplinar, “ênfatizando o conhecimento do solo, relevo, da rocha, dos recursos hídricos, entre outros, tornando cada vez mais pertinente, ainda, o estudo do homem no contexto da formação da paisagem.” (Machado e Costa, 2019, p. 1334). Então, ao contrário do que se pode pensar à primeira vista, a utilização de múltiplas camadas de conhecimentos de outras matérias escolares, igualmente fragmentadas, enriquece o trabalho de campo, possibilitando a oportunidade de perceber novas perspectivas de elementos materiais e imateriais do espaço.

[...] pensar interdisciplinar parte do pressuposto de que nenhuma forma de conhecimento é exaustiva em si, mas tenta o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas, até mesmo porque nenhuma ciência é passível de existir por si só, sem necessitar de sabedorias advindas de outras áreas do conhecimento. (Justen-Zancanaro; Carneiro, 2012, p.58).

Devido as dificuldades inerentes do mundo como se apresenta hoje, é necessário a elaboração de procedimentos que tornem possível ao aluno entender como se dar as questões relacionadas ao fluxo de ideias, mercadorias e pessoas, globalização da economia e comunicações, entre outros, (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009, p. 108-109), e como tudo isso se relaciona a ele.

O campo é uma área que possui diversas camadas que podem ser trabalhadas por todas as matérias escolares, cada qual contribuindo com sua visão de mundo, e que num esforço, podem se complementar proporcionando um novo conhecimento. “A interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo ” (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2009, p. 145).

Ressaltando novamente que a geografia não fica em segundo plano, mas que uma educação escolar voltada a formação integral do aluno vai muito além do que os conhecimentos parcelares permitem. E contrariamente, porém ainda assim defendendo está ideia, segundo o que diz Bittencourt, (2004, p. 256) de que é “fundamental o professor ter profundo conhecimento sobre sua disciplina, sobre os conceitos, conteúdos e métodos próprios do seu campo de conhecimento, para poder dialogar com os colegas de outras disciplinas”. Isso visando um trabalho de campo com a colaboração de mais de um professor e com o auxílio da gestão, caso contrário pode ocorrer uma diluição dos conceitos geográficos em relação as outras disciplinas.

Nisso o docente de geografia terá que tomar cuidado, pois caso o mesmo não tenha apoio direto de outros professores, o educador terá que se preparar para não diluir os conceitos das outras disciplinas que poderiam tornar o momento mais interessante, retirando dessa forma, o foco de sua disciplina e da metodologia de ensino escolhida de fazer o aluno apreender as características presentes no espaço, além de que, no trabalho com pessoas, principalmente estudantes do fundamental, perguntas e momentos não planejados podem ocorrer, tornando o planejamento e a versatilidade essencial.

### **Características de uma aula de Campo**

Mediante os benefícios expostos, para a realização de um estudo de campo, se torna imprescindível a realização de um planejamento por parte do professor para que não ocorra momentos inusitados prejudiciais ao processo de ensino-aprendizagem, e que por sua vez, pode ser dividido, como afirmam Silveira, Crestani e Frick (2014, p.140) em “pré-campo, campo e pós-campo”, isso pois, sem organização adequada, a aula de campo pode ser confundida com um passeio, e nos dizeres de Zoratto e Hornes, 2014:

O passeio não prescinde de planejamento pedagógico, não tem compromisso com ensino e, muito menos, com aprendizagem. Já a Aula de Campo, planejada nas etapas de pré-campo, campo e pós-campo, está orientada por objetivos pedagógicos e conteúdos curriculares predefinidos. Essa prática está diretamente associada à compreensão de conhecimentos científicos (Zoratto; HorneS, 2014, p.5).

Posto isso, a fase de pré-campo diz respeito a organização dos recursos necessários a atividade, preparação dos alunos, análise do local a ser estudado, dos conteúdos curriculares

abordados, necessidade de participação de outro docente ou demais responsáveis, em suma, o pré-campo visa a logística que será usada pelos alunos.

A primeira fase deve contemplar as seguintes atividades: definição dos objetivos, seleção do local, visita prévia ao local do campo, elaboração da autorização para os responsáveis, elaboração da ficha de saúde dos alunos, elaboração do roteiro de campo, seleção e preparação do material individual e coletivo, solicitação de autorização do local a ser pesquisado, caso seja necessário, verificação da logística de deslocamento, definição das normas de comportamento, apresentação do projeto aos alunos, preparação teórica e técnica aos alunos na sala de aula e orientação quanto ao vestuário e normas de segurança (Mafra; Flores, 2017, p.14).

Se faz necessário uma atenção especial ao momento de pré-campo em sala de aula, já que a boa realização desse estudo, se dará, principalmente com as explicações prévias dadas aos alunos, isso se deseja, para diminuir a repetição de instruções no percurso de deslocamento e permanência no local escolhido (Dias, 2023, p. 24784).

Ademais, para se realizar um estudo de campo efetivo, o professor tem de estar preparado não apenas materialmente, mais também pedagogicamente, para isso entendendo alguns requisitos da metodologia escolhida, que de modo geral podem parecer óbvias, no entanto, passam a nossa vista em muitos casos sem a devida importância, sendo eles os tipos de perspectivas de aprendizagem e as categorias.

Nas perspectivas temos a reflexiva, experiencial e a ativa. Na Aprendizagem Reflexiva “implica afirmar que a atividade de campo contribui para transformar as percepções dos alunos sobre os lugares que estão conhecendo” (Farias, 2019, p. 187). Dessa maneira, fazendo-os pensar o lugar que estão estudando, observando seus aspectos naturais e humanos, não como algo distante, mas próximo. Essa capacidade de refletir, é parte natural do progresso científico.

Na Aprendizagem Experiencial, segundo Rose, 2018. “A natureza útil das técnicas de educação experiencial e pedagógica, são entendidas aqui como o uso intencional e alavancagem de experiências para promover a aprendizagem do aluno” (*apud* Farias, 2019, p. 188). Fazer o aluno ter vivências eficazes no campo, o incentivando a ler o ambiente de forma correta, corroborada com os conhecimentos escolares é notório, visto a eficácia com que se mostra.

E na Aprendizagem Ativa, como o nome sugere, o aluno é participante ativo e não mero observador do ensino, nessa proposta o aluno é colocado como alguém capaz de produzir conhecimento, por meio de exercícios com objetivos bem definidos. “Assim, não basta ao estudante realizar uma atividade, mas é importante que ele conecte a ação ao pensamento e reflita sobre o resultado e o processo da atividade de aprendizagem.” (Farias, 2019, p. 189).

Já em relação as categorias, elas são: Trabalho de campo observacional, Trabalho de campo participativo e Trabalho baseado em observação participante.

O trabalho de campo observacional se resume na observação, na descrição daquilo que foi visto, o trabalho de campo participativo é aquele em que os discentes atuam diretamente no campo e a última categoria é a junção dos objetivos das duas primeiras. Apesar de parecerem de certo modo parecidas, cada uma carrega “métodos e abordagens que possuem objetivos e têm em comum, a aprendizagem dos alunos.” (Farias, 2019, p. 190).

Aliado a isso, também as habilidades e objetivos de conhecimento que iram ser trabalhados, fomentando e enriquecendo essa prática de ensino, frisamos isso para que não ocorra a não realização ou a má realização devido à pouca formação docente, como defende Marques, Mota e Souza, 2020:

Nosso levantamento bibliográfico identificou duas barreiras que podem dificultar a realização de uma aula de campo: A primeira precede a organização do campo. Ela se refere à questão da formação do professor, se de fato ele compreende as contribuições pedagógicas desta atividade e, assim, está disposto a realizá-la. A segunda pode ser considerada como a viabilidade da realização de campo. Diversos fatores estão relacionados à esta questão, sendo o mais recorrente a falta de recursos para realizar aulas de campo (Marques; Mota; Souza, 2020, p. 365).

Com todos os materiais e saberes pedagógicos prontos, tem-se início a fase de campo propriamente dita, nela os participantes iram ao local escolhido, e observarão o planejamento realizado para que a atividade de campo contribua verdadeiramente para a complementação dos conhecimentos previamente explicados em sala de aula. “A afetividade é fundamental para um olhar geográfico particular, porém as observações, mediações e considerações devem seguir o parâmetro delimitado no planejamento, atendendo os objetivos traçados” (Bezerra; Alencar; Oliveira, 2020, p. 346), isso se deve ao fato de os alunos criarem alguma expectativa, sentimento, desejo ou pensamento que atrapalhe o andamento do trabalho, os prejudicando como um todo.

Entretanto, apesar do planejamento ser essencial, também é importante que o professor se aproveite dos imprevistos, como é esperado que ocorram, visto que se está trabalhando com pessoas e lugares que não são estáticos.

E no pós-campo, é o momento que todos os resultados obtidos serão debatidos e avaliados, assim sendo, a avaliação deve ser encarada não apenas como uma finalização, mas como parte integrante do processo de ensino, uma vez que, de acordo com Dias, 2023:

Encerrar o estudo de campo de forma criativa possibilita a avaliação dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais dos estudantes. E uma avaliação ou relatório academicizados podem explorar pouco as vantagens de uma saída ao campo e desmobilizar todo um aparato que foi construído para uma aprendizagem significativa (Dias, 2023, p. 24785).

Métodos de avaliação mais tradicionais e de cunho somativo podem ser utilizados a depender da situação, porém, se desprender dessas amarras e ser mais atento ao desenvolvimento geográfico dos estudantes durante e após a conclusão das atividades, tendo um caráter mais formativo-flexível, é mais propício a formação humana, tendo sob o olhar as perspectivas de aprendizagem e as categorias anteriormente debatidas. Lembrando-se sempre de que o estudo de campo é “uma alternativa concreta de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão da sala de aula, como forma de praticar a leitura do real, sendo assim, um momento ímpar da *práxis* teórica” (Campos *et al.*, 2017, p. 316).

## **Metodologia**

A presente pesquisa foi baseada no processo investigativo, na qual foi utilizada uma abordagem qualitativa. Essa abordagem pode ser aplicada a diferentes tipos de pesquisa, já que utiliza conceitos a serem verificados a partir da interpretação do material pesquisado (DENZIN; LINCOLN, 2006). Esse estudo também se configura como uma pesquisa bibliográfica pois para o seu desenvolvimento foram realizadas leitura de artigos referentes a utilização de métodos de aula de campo no ensino de geografia, no ensino básico, através de pesquisas realizadas nos sites Scielo, Periódico Capes e Google Acadêmico além de livros e os documentos que norteiam a educação brasileira. Vale ressaltar que: A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas deve propiciar o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (Marconi; Lakatos, 2003; Gil, 2008).

## **Resultados e Discussões**

A partir de uma análise qualitativa, fundamentada em análise de documentos e pesquisas relativas ao campo educacional pedagógico podemos inferir o quão essencial é o trabalho com o campo, em virtude dos resultados benéficos pesquisados, com os quais pode-se empreende que este método de ensino traz contribuições na capacidade analítica do alunado, pelo fato de

que eles serão expostos ao processo que foi explicado em sala de aula, de maneira prática, sem exigir em excesso, uma capacidade de imaginação e elaboração de relações de assuntos meramente teóricos, que muitas vezes não são capazes de arcar, como é feito na maioria dos conteúdos geográficos escolares, acabando não possuindo um grande vínculo com o estudante.

Estando assim de acordo com o que diz Cordeiro e Oliveira, (2011, p.03), de que a aula de campo: “Contribuí para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas da paisagem do ambiente observado, ampliando os seus horizontes geográficos ao ir além dos textos e das fotografias do livro didático, [...]”, isso se deve ao fato de que o aluno é colocado como um protagonista de seu processo de construção do conhecimento, uma vez que, ao adentrar em um local que exija mais do que apenas a sua presença, é necessário ao indivíduo se colocar como sujeito pleno de capacidades que serão usadas, da maneira certa, para ampliar sua aptidão de investigar, relacionar e ponderar sobre o que foi visto. Entretanto, isso só ocorrera desde que o professor responsável se encarregue de fornecer as explicações e perguntas que instiguem o estudante a raciocinar. “O processo de ensino-aprendizagem supõe um determinado conteúdo e certos métodos. Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas a construção do conhecimento por esse sujeito ativo” (Callai, 2000, p. 92-93).

Como um auxílio a essa aprendizagem, no que foi validado nos artigos e livros consultados, e aqui igualmente defendidos, é incorporada no âmbito das aulas de campo o uso de múltiplos conhecimentos advindos de variadas matérias, isso devendo ao fato, de como defendido por Vigotski (2007, p.92): “o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas”. No cenário global encontrado pelos alunos, em que variados temas perpassam a vida cotidiana de formas efêmeras, eventos climáticos, sociais, políticos e econômicos são noticiados a velocidades instantâneas, é um desafio checar a veracidade dos fatos e linkar os fenômenos ocorridos, para isso, foi entendido que conhecimentos isolados, mesmo que profundos, não são mais eficazes e que a sua união, aqui pensado nas aulas de campo, são o meio mais proveitoso de se obter algum resultado satisfatório, unido os saberes e construindo algo novo no lugar.

Outrossim, essencialmente, como qualquer metodologia escolhida pelo professor, é necessário que o docente se responsabilize pela organização do que será realizado para não cair

em armadilhas que podem o desmoralizar, colocar os alunos em perigo ou simplesmente não contribuir com o enriquecimento intelectual do alunado.

Em suma, com o que pode ser obtido, é manifesto que as aulas de campo são ferramentas importantes, defendidas por todos os autores, em que eram apoiadas as mesmas ideias ou com alguns acréscimos, percebendo, ainda, os principais empecilhos a sua realização como o despreparo dos educadores e momentos que dificultam a atividade, como falta de recursos, comportamento, falta de apoio, entre outros. Entretanto, apesar das dificuldades, os estudos de campo são um incentivo ao ensino, não meramente transferência de conhecimento, mas um apoio ao método de desbravamento do saber científico, feito a pequenos passos, visto a idade dos alunos, porém que contribuíram para um aprimoramento da capacidade de discernimento do cidadão. Assim defendido por Pontuschka, Paganelli e Cacete: “Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos.” (2009, p. 173).

Assim, o professor baseado na sua realidade irá definir o momento certo de aplicar a aula de campo como nos dizeres de Zoratto e Hornes, 2014:

[...] cabe ao professor a responsabilidade de avaliar a viabilidade para a realização de uma Aula de Campo. Então, em algumas situações ele pode decidir que não é uma prática adequada para o perfil, a faixa etária de uma determinada turma. Mas em algumas realidades, diferentemente, pode considerar esse encaminhamento possível.[...] (Zoratto; Hornes, 2014, p.5).

## **Considerações Finais**

Este estudo, teve como objetivo a análise das aulas de campo na formação geográfica dos alunos do ensino fundamental, e como resultados, verificou-se três fatores, o primeiro representado por uma importante relação do saber teórico com o prático, no qual o aluno entende de forma mais apropriada os conteúdos ensinados se forem relacionados com experiências reais em espaços não rotineiros, ou seja, não-formais.

O segundo fator, relacionasse a uma intenção de união entre diferentes saberes, deste modo, proporcionando uma visão mais abarcada da realidade, que em contrapartida, uma matéria fragmentada não seria capaz de sustentar.

E no terceiro, constatou-se, uma importância para a organização e planejamento, não

apenas material e logístico, mas também pedagógica, conseqüentemente aprimorando a prática da metodologia, melhorando as condições da realização e do entendimento dos ensinamentos tratados no momento da aula.

Pretendeu-se, com essa pesquisa, contribuir com a elaboração do debate à cerca desta temática no âmbito escolar, relacionado ao ensino de geografia, e no tocante a questão prática, servir de auxílio ou insights para docentes que queiram começar uma elaboração de aulas de campo, apesar das limitações existentes na elaboração deste estudo, em decorrência da maioria dos trabalhos avaliados serem de caráter qualitativos, encontrando-se apenas um artigo de abordagem quantitativa, enfatiza-se o propósito de procura de novos conhecimentos e visões que possam fomentar a qualificação desse tema, para o desenvolvimento da educação.

## Referências

BITTENCOURT, Ciece Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOVO, M. C.; TOWS, R. L.; ROGAL, C. J. **Da teoria à prática: vivências e experiências em aula de campo de geografia**. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, v.33, p.28828, 2018.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. P. 83-131.

CAMPOS, E. R. T.; RODRIGUES, H. G. .; RODRIGUES, I. D. .; BRANT, B. D. F. Avaliação do trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 15, n. 01, p. 312–329, 2017. DOI: 10.22238/rc24482692v15n12017p312a329. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/1363>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CASCAIS, M. G. A.; FACHÍN-TERÁN, A. **Os espaços educativos e a alfabetização científica no ensino fundamental**. Manaus: Editora e Gráfica Moderna, 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. de. **A Aula de Campo em Geografia e Suas Contribuições para o Processo de Ensino-Aprendizagem na Escola**. *Geografia (Londrina)*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 99–114, 2012. DOI: 10.5433/2447-1747.2011v20n2p99.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416>. Acesso em: 24 maio. 2024.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

DIAS, W. da S. Ensino de Geografia na Praia da Ponta Branca, Tefé-AM: subsídios para a construção de um estudo de campo. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 8, pág. 24779–24792, 2023. DOI: 10.34117/bjdv9n8-103. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/62320>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FARIAS, Ricardo Chaves de. O Trabalho de Campo na Perspectiva de Ensino de Geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 181–198, 2019. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/586>. Acesso em: 15 maio. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

JUSTEN-ZANCANARO, R.; CARNEIRO, C. D. R. **Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa**, PR. Terra, Campinas, SP, v.9, p.49-60, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO NETO, E. P.; COSTA FALCÃO, C. L. **Aula De Campo Como Recurso Didático No Ensino De Geografia Ambiental: Estudo A Partir Da Metodologia De Análise Do Relevô**. Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), [S. l.], v. 21, n. 2, p. 1333–1345, 2019. DOI: 10.35701/rcgs.v21n2.606. Disponível em: [//rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/606](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/606). Acesso em: 22 mar. 2024.

MAFRA, M. V. P; FLORES, D. A. C. Trabalho de campo no ensino da Geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v.8, n.15, p.6-16, 2017.

MARQUES, Aline Mattos de Souza; MOTA, Marina de Souza; SOUZA, Maria Alice Veiga Ferreira de. **Aula de Campo no Ensino de Geografia: uma visão pela literatura científica brasileira**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 357–372, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i20.887. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/887>. Acesso em: 12 abr. 2024.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

PAVANI, E. C. R. Aulas de campo na perspectiva histórico-crítica: contribuições para os

espaços de educação não formal. 2013. 110 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3°. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

RODRIGUES BEZERRA, Israel; GOMES DE ALENCAR, Francisco Amaro; GADELHA DE OLIVEIRA, Daniel. Por uma Geografia Vivenciada:: Importância das Práticas de Campo na Formação de Professores de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 337–356, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i20.824. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/824>. Acesso em: 17 abr. 2024

SANTOS, T. G. dos; SILVA, L. M. da; LEITE, A. M. A. A aula de campo como ferramenta de investigação do lugar no ensino de Geografia. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 421–428, 2017. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v2i3.517. Disponível em: [https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/517](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/517). Acesso em: 17 abr. 2024.

SILVEIRA, R.; CRESTANI, D.; FRICK, E. Aula de campo como prática pedagógica no ensino de Geografia para o Ensino Fundamental: proposta metodológica e estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v.7, p.125-142, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos**. In: COLE, M.; JOHN-STEINER, V. (Org.). Tradução NETO, J. C.; BARRETO, L. S. M.; AFECHÉ, S. C. 7°. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Cap. 6, p. 88-105.

ZORATTO, F. M. M.; HORNES, K. L. Aula de campo como instrumento didático pedagógico para o ensino de geografia. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 1.ed. Paraná: SEED-PR, 2014. p.3-22.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

FIGUEIREDO, Tiago de; BRINGEL, Maricélia Félix Andrade. Análise da Contribuição das Aulas de Campo na Formação Geográfica dos Estudantes do Ensino Fundamental. **Id on Line Rev. Psic.**, Julho/2024, vol.18, n.72, p.42-55, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 31/05/2024; Aceito 17/06/2024; Publicado em: 31/07/2024.